



TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA E AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS COMO L2

Cíntia da Costa Alcântara¹

A informação de gênero gramatical é uma propriedade linguística idiossincrática dos nomes nas línguas romanas. Neste texto, trata-se do francês e do português adquirido como segunda língua, sob a abordagem da teoria da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993; 1994).

Segundo Spencer (1991), o gênero nos nomes franceses restringe-se a determinar a forma do artigo definido no singular, *le/la* 'o/a' (cf. *le muscle* 'o músculo', mas *la table* 'a mesa'); daí assumir que a informação de gênero nessa língua serve tão somente para estabelecer distinções entre agrupamentos de palavras definidos de forma arbitrária. Ademais, os vocábulos não verbais franceses apresentam, por via de regra, características formais facilmente identificáveis, isto é, não carregam sufixos temáticos, diversamente do que ocorre em outras línguas românicas, como, por exemplo, o português.

Em (1), são apresentados exemplos de vocábulos nominais do francês, nos quais inexistem concordância de gênero gramatical e classe temática.

(1) *Vocábulos correspondentes em francês e português*

/aRab/- [a'Rab]	<i>l'arabe</i> (m.);	→ 'árabe' /arabe/ ['arabi]
/glɔt/- [glɔt]	<i>la glotte</i> (f.);	→ 'glote' /glote/ ['glɔtʃi]
/kɔ̃tRast/- [kɔ̃'tRast]	<i>le contraste</i> (m.);	→ 'contraste' /koNtraSte/ [kɔ̃^n'trastʃi]
/kɔ̃tRɔl/- [kɔ̃'Rɔl]	<i>le contrôle</i> (m.);	→ 'controle' /koNtrole/ [kɔ̃^n'troli]
/pRɔ̃blɛm/- [pRɔ̃'blɛm]	<i>le problème</i> (m.);	→ 'problema' /problema/ [pro'blemɛ]
/liŋgɥist/- [li'ŋgɥist]	<i>le linguiste</i> (m.);	→ 'linguista' /liNg ^w iSta/ [li ⁿ 'gwistɛ]

¹ Doutor em Letras; UFPel; cintiaca@terra.com.br



Os radicais nominais do francês, ilustrados em (1), à esquerda, terminam por segmentos consonantais, *clusters* ou não, permitidos nessa língua, sem que se manifeste, contudo, uma vogal à margem direita da palavra, diferentemente do que se passa em vocábulos nominais do português, que exigem a presença de uma vogal em final de palavra – salvo no caso de radicais terminados em /r l S N/.

Salienta-se que, a despeito de os vocábulos nominais franceses carregarem gênero masculino ou feminino – idiossincrático, no caso dos nomes, e adquirido por concordância, no caso dos adjetivos – ainda assim tal informação não parece ser passível de ser correlacionada a classes formais (i.e., classes temáticas), como acontece em português, no qual grande parte dos vocábulos não-verbais carrega uma das três vogais átonas /o/, /a/ ou /e/.

No presente trabalho, sob a perspectiva teórica da Morfologia Distribuída (doravante *DM*, do inglês *Distributed Morphology*), e com inspiração em Harris (1999), assume-se que o Português Brasileiro possui quatro classes formais, sendo feita a identificação de cada uma delas através da terminação que carregam, ou seja, do morfema de classe formal que se encontra à borda direita da palavra e que pode se manifestar fonologicamente como /o/, /a/ ou /e/. No quadro a seguir, ilustram-se as Classes I, II III e IV (cf. Alcântara, 2010).

Classe Formal		
a. I /o/	m	astro, figo, lobo, maestro, noivo, peito, quadro, sino, urso, zelo, ...
	f	libido, tribo, virago, ...
b. II /a/	f	alameda, dama, fada, girafa, ilha, juta, pedra, testa, vaca, ...
	m	aroma, cometa, drama, edema, fantasma, gorila, idioma, mapa, nauta, plasma, prana, sistema, tema, ...
c. III /e/	m	abacate, acorde, açougue, bagre, blefe, bos/k/e, clube, dote, lan/j/e, padre, tigre, verde, ...
	f	algoz, anis, bolor, capuz, convés, revés, teor, tenaz, ... are, bule, cárcere, do/s/e, escore, folclore, tule, vale, ... arte, ave, boate, chance, chave, cidade, haste, madre, noite, parede, saúde, sebe, sorte, trave, ... cor, cruz, dor, espiral, flor, foz, paz, tez, ...
	m/f	alfa/s/e, árvore, cla/s/e, fa/s/e, indole, mu/s/e, pele, prole, ... alegre, chefe, célebre, cliente, consorte, mestre, ... bene/s/e, célere, mole, preco/s/e, súpli/s/e, ...
d. IV ∅	m/f	bagageN, corageN, joveN, homeN, áibuN, treN, armazeN, jardiN, ... frei, lei, rei, boi, apogeu, mausoléu, troféu, ... araçá, pá, vatapá, chá, jabuti, pajé, ... vil, farol, papel, ...

Como se pode observar, no quadro apresentado, nomes e adjetivos do português estão



distribuídos entre quatro classes formais que são heterogêneas com respeito ao gênero, não podendo, logo, ser consideradas *classes de gênero*.

A Classe I, identificada pelo morfema de classe formal /o/, parece ser a que mais palavras carrega, sendo, por isso, um dos agrupamentos formais mais produtivos. Nela prevalecem palavras masculinas – é a classe não-marcada para tal gênero –, conquanto também inclua palavras femininas, embora em reduzido número. Da mesma forma, é nesse agrupamento formal que se estabelece uma correlação mais estreita entre gênero e classe formal, característica também presente na Classe II.

A Classe II, cujo morfema de classe formal é a vogal /a/, é a segunda mais produtiva do português. É considerada a classe não-marcada para os vocábulos femininos, não obstante abrigue um número bastante elevado de palavras masculinas. Neste agrupamento, tal a Classe I, estabelece-se uma correlação mais estreita entre gênero e classe formal.

A Classe III, cujo morfema de classe formal é a vogal /e/, carrega raízes de ambos os gêneros, sem que haja prevalência de um gênero sobre o outro, como se dá nas classes I e II. Note-se que os componentes desse agrupamento formal podem ser identificados pela alternância \emptyset e /e/ em contexto específico, por razões que não serão abordadas no presente trabalho. Quanto a tal ponto, basta referir que sob III estão agrupadas não só raízes terminadas em consoantes licenciadas pela condição de coda do português, bem como por todos os segmentos consonantais não-permitidos pela referida condição. Aliás, a configuração das raízes nesta classe, em nada difere daquela encontrada nas duas maiores classes, I e II.

A Classe IV compõe-se de palavras conhecidas como *atemáticas* que, sob a DM, são identificadas pelo morfema de classe formal \emptyset .

Deve-se ressaltar ainda que, à luz desse modelo teórico, gênero e classe formal são informações idiossincráticas dos radicais não-verbais. A especificação de gênero precede a atribuição de classe formal, cuja apresentação se dá como um traço diacrítico abstrato – o morfema de classe formal – que deve se apresentar à borda direita da palavra – condição vigente não só para o português como para muitas línguas românicas – a fim de que as palavras sejam morfológicamente bem-formadas. A posição do morfema de classe formal será preenchida, sob o modelo aqui assumido, ainda no módulo da Morfologia, por uma vogal subjacente.

O foco deste trabalho, que se detém nas classes formais I, II e III, analisa dados



de aquisição do PB como LE que integram um *corpus* de fala espontânea. Acredita-se que tais elementos permitam elucidar questões relativas à aquisição da linguagem e trazer evidências para a proposta teórica da *DM*, particularmente com respeito ao fornecimento de traços fonológicos a traços morfológicos abstratos, em especial o morfema de classe formal e o morfema de gênero. Em (2a-b), são apresentados alguns dados do informante *K*, um falante nativo de francês.

(2) *Dados de K.*

a) *Exemplos de troca da vogal /e/ por /o/ ([u]) ou /a/ ([a])*

contrast/e/ - contrast[u]

árab/e/ - arab[u]

glot/e/ - glot[e]

control/e/ - control[u]

b) *Exemplos de troca da vogal /a/ por /o/ ([u])*

problem/a/ - problem[u]

linguist/a/ - linguist[u]

Com respeito às formas de superfície, em (2a-b), cujos resultados seriam outros se produzidas por falantes nativos do português, como pôde ser visto em (1), discorrer-se-á, separadamente, após uma sucinta apresentação do quadro teórico sob o qual o presente trabalho se desenvolve.

A *DM* assume ser a gramática constituída de três módulos autônomos, a Sintaxe, a Morfologia e a Fonologia, o segundo dos quais faz a interface entre a Sintaxe e a Fonologia. A autonomia dos referidos módulos refere-se ao fato de que cada um deles tem seus próprios princípios e propriedades. O módulo da Sintaxe ocupa-se exclusivamente dos traços não-fonológicos dos morfemas; é um componente gerador de estruturas pela combinação, sob nós terminais, de feixes de traços sintáticos e semânticos selecionados pelas línguas particulares a partir de um inventário disponibilizado pela Gramática Universal (UG, do inglês *Universal Grammar*). O componente da Morfologia, que se atém não somente aos feixes de traços não-fonológicos mas também aos fonológicos, compreende três etapas: (i) operações morfológicas, (ii) inserção vocabular e (iii) regras de reajustamento. O módulo da Fonologia² manipula particularmente os traços fonológicos dos morfemas; não obstante, os traços não-fonológicos também aí têm um papel relevante.

² As operações fonológicas, neste componente, podem ser sensíveis a informações morfológicas, como é o caso do processo de epêntese, que não será aqui abordado.

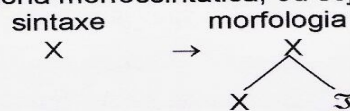


Dentre as seis operações morfológicas³ bem-motivadas que podem modificar as estruturas fornecidas pela Sintaxe, explicando, assim, segundo Calabrese (1998, p. 76), os *desencontros entre a organização das peças morfológicas e as estruturas fornecidas pela Sintaxe*, apresentam-se, a seguir, apenas as que são relevantes para este estudo, a saber: (i-a) *adição de morfemas* e (i-b) *empobrecimento*. Após, discutir-se-á a etapa de *inserção vocabular*, também importante para o presente estudo.

Através da operação morfológica mencionada em (i-a), pode ocorrer a inserção de morfemas na estrutura morfológica da gramática, a fim de satisfazer condições de boa-formação universais e/ou de língua particular, como é o caso da condição que exige a adjunção de uma posição temática aos radicais não-verbais do português, em (3) mostrada, a fim de que esses assumam o *status* de palavra morfológicamente bem-formada. Tal posição será posteriormente preenchida com itens vocabulares (traços fonológicos) que podem se constituir de uma das vogais /o/, /a/ ou /e/.

(3) *Adição de Nó Terminal de Sufixo Temático a X^0*

Uma categoria morfossintática, ou seja, X^0 exige um *sufixo temático* ‘ ζ ’



Essa condição exige que um morfema de classe formal ou sufixo temático ‘ ζ ’ seja adjungido a ‘ X^0 s’, raízes (radicais) portadoras(es) de categoria morfossintática, N, A, Adv, para que só então recebam o *status* de palavras morfológicamente bem-formadas. Essa adjunção ocorre no componente morfológico, uma vez que tais sufixos não têm função sintática, conforme já mencionado.

A operação morfológica apresentada em (i-b) é importante em virtude de ser uma operação sobre feixes de traços gramaticais, cuja função é bloquear a inserção de itens vocabulares mais específicos, sendo esses substituídos por itens menos específicos, conforme os resultados apresentados em Alcântara (2005), relativamente aos dados de crianças falantes nativas do Português Brasileiro, em fase de aquisição da linguagem, como se poderá conferir posteriormente neste estudo. Em (4), é apresentado o mecanismo de (i-b).

³ As demais operações são: *mudança de traços*, *adjunção*, *fusão* e *fissão*.

(4) *Empobrecimento*[III, f] / *mestr-, monj-, infant-* e outros radicais

↓

∅

Neste conjunto especial de itens, cujas formas femininas contêm, nas respectivas entradas vocabulares, a coocorrência de traços [III, f], ocorre a simplificação intitulada *empobrecimento*. A referida simplificação encarrega-se de apagar o traço de classe [III] quando este coocorre com o traço [f(eminino)]. Como resultado, às formas femininas é atribuído o traço [II], através da regra de redundância independentemente motivada que coloca os femininos, por *default*, na classe II, conforme ilustrado em (5).

(5) *Regra de Redundância para Classe*
fem -> II

Segundo essa regra, a classe II é previsível para os radicais do gênero feminino no caso não-marcado; contudo, é imprevisível para os radicais nominais do gênero masculino. Eis o caso marcado (cf. *problema*).

Quanto à *inserção vocabular*, é responsável pelo fornecimento de traços fonológicos (itens vocabulares) aos nós terminais. Em outras palavras, independentemente do tipo de morfema, essa operação envolve a associação de peças fonológicas (itens vocabulares) a morfemas abstratos. Cumpre salientar que a ordem linear dos nós terminais não pode ser plenamente estabelecida antes da inserção de suas matrizes fonológicas. Outrossim, refere-se que os traços morfológicos disponibilizados por esta operação assinalam propriedades idiossincráticas de itens vocabulares específicos.

Após essa breve apresentação de importantes mecanismos da *DM* relevantes para este trabalho, passa-se a tratar das questões linguísticas a serem respondidas com respeito aos dados de *K*, ilustrados em (2). Ei-las em (6):



(6)

1) Durante o processo de aquisição do PB como LE, a operação de empobrecimento (i-b) estaria atuante, tal como se dá com falantes nativos do PB em fase de aquisição da língua materna (cf. Alcântara, 2005)?

2) A manifestação fonológica sistemática de /o/ ou /a/ para a posição temática (morfema de classe formal) ocorreria na etapa da *inserção vocabular* – independentemente da classe formal –, em virtude de esses radicais serem interpretados por *K*. como não sendo portadores de traços de classe formal idiossincráticos, diferentemente do que ocorre para os falantes nativos do português?

Em (7), na tentativa de responder à primeira questão, apresenta-se alguns radicais nominais do português que carregam, idiossincraticamente, a informação de classe formal (classe III).

(7) *Entradas Vocabulares de Nomes da Classe III*

[/koNtraStʃ/, N, III, - ...] *contraste*

[/glɔtʃ/, N, III, f ...] *glote*

[/arab/, N, III, - ...] *árabe*

Em (7), observam-se três distintas informações: categoria morfossintática (N), classe formal (III) e gênero (feminino). Uma vez que o gênero dos nomes, em português, assim como em muitas línguas, é, em geral, arbitrário, essa informação tem de ser especificada na entrada vocabular, como um traço idiossincrático, no presente caso o traço [f], de feminino. E, pelo fato de assumir-se que o gênero marcado é o feminino no português, assim como o é em francês (cf. Lamarche, 1996) somente tal traço deverá ocorrer nas entradas vocabulares na língua portuguesa. O gênero masculino é, por sua vez, considerado não-marcado/*default*, ou seja, a *ausência do feminino* (cf. Jakobson, 1963,



ap. Lamarche, 1996, p. 152)⁴. Portanto, o traço que identifica nomes masculinos está ausente das entradas vocabulares no português, assim como no francês. Por outro lado, todos os nomes apresentados em (7) têm de carregar a informação de classe formal, III, o que denota a sua imprevisibilidade nesta classe. Se assim não fosse, radicais como esses seriam equivocadamente atribuídos às classes I (/o/) e II (/a/) do português, respectivamente. Tal atribuição resultaria em formas agramaticais (e.g., **contrasto* por *contraste*, **glota* por *glote* e **arabo* por árabe), as quais são detectadas nos dados de K., em (2a) apresentados. Esses *outputs* divergem, contudo, daqueles de crianças brasileiras adquirindo PB como LM, em (8), os quais já foram apresentados em Alcântara (2005).

(8) *Dados de aquisição do PB como LM*

Matheus (2:9) - dente ['dẽntʃi], balde ['bawdʒi], quente ['kẽntu]

Priscila (2:2) - tomate [to'matʃi], ['dẽntu]

Michele (2:6) - forte ['fɔtẽ], dente ['dẽntʃi], parede [pa'edʒi]

Vitória (2:9) - dente ['dẽntʃi], chiclete [ʃi'ketʃi], grande [gã'dʒja]

A partir dos resultados em (8), acredita-se que o uso variável de /e/ e /o/, ou /a/, por falantes nativos do PB em fase de aquisição da linguagem, aponta para o seguinte fato: a operação morfológica de *Empobrecimento* (i-b), cuja função é bloquear a inserção de itens vocabulares mais específicos, que serão substituídos por itens menos específicos, parece já estar atuando nessa etapa do processo de aquisição da linguagem, assim como está presente na gramática dos adultos. Um argumento para tal reflexão é encontrado em Halle (1997, p. 427), *os itens vocabulares constituem uma parte essencial do conhecimento do falante sobre sua língua (...)*, e *as entradas vocabulares representam os itens que os falantes têm de memorizar* (Halle, 1997, p. 430). Em sendo assim, parece natural que a gramática da língua, durante o processo de aquisição da linguagem por falantes nativos, como é o caso em (8), também disponibilize mecanismos que permitam o acesso às configurações de traços, simplificando-as, mesmo que tais feixes de traços, no sistema-alvo, não sofram simplificação ou não sejam alvo de simplificações. Tal operação está, entretanto, absolutamente ausente dos dados de K., em (2a-b). Desta feita, a resposta à primeira pergunta formulada apontaria para a seguinte conclusão:

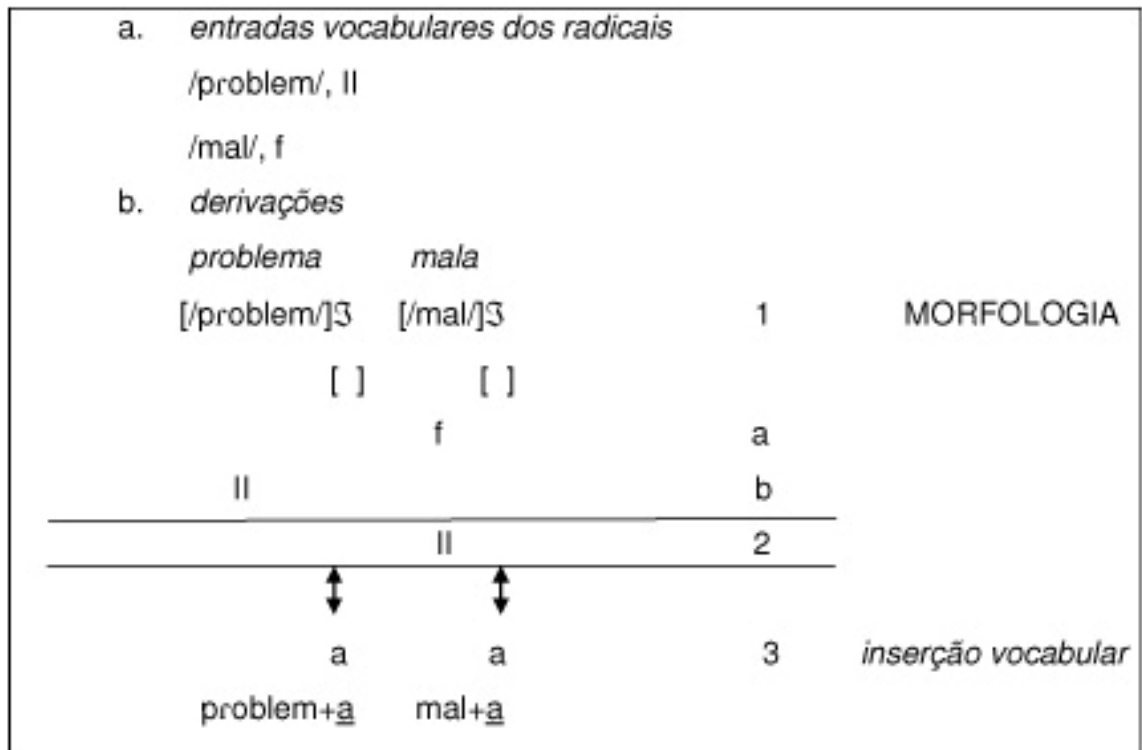
⁴ Tal postulado foi também assumido por Câmara Jr. (1966), para o português, e Harris (1996), para o espanhol.



No caso do falante nativo do francês adquirindo PB como LE, a operação de empobrecimento (i-b) ainda não estaria atuando – pelo menos nesta etapa inicial de aquisição do idioma. Em outras palavras, *K.* estaria ainda, ao que parece, em uma etapa precedente de aquisição de língua, ou seja, em que há uma correlação direta entre gênero e classe formal.

Em (9), apresentam-se duas derivações de vocábulos que compõem a classe II, um feminino – grupo predominante nesta classe – e outro masculino – cujos membros são em número bem menor, a despeito de sua extensa representação nesta classe –, a fim de que se possa avaliar outra “resposta”, a que alude à segunda pergunta.

(9) *Ilustrações de Membros da Classe II*



Em (9a) ilustra-se o fato de ambos os radicais, *problem-* e *mal-*, carregarem informações idiossincráticas: *problem-*, a de classe, e *mal-*, a de gênero, decorrendo daí a noção de maior marcação da Classe II, em relação à Classe I. Em (9b), são mostradas as



derivações de *problema* e *mala*.

Na linha 1a, conforme mostram as derivações acima, somente o radical de *mala*, como esperado, carrega em sua entrada vocabular o traço de gênero especificado (f), pois *problema*, em sendo masculino, ou seja, a *ausência do feminino* (cf. Harris, 1996), não apresenta marcação. Na linha 1b, por outro lado, somente o radical masculino tem de carregar a informação idiossincrática de classe formal (II), se assim não fosse, ocorreria sua equivocada afiliação à Classe I, o caso não-marcado para nomes masculinos, derivando daí a forma agramatical **problem-o* por *problem-a*, exatamente o que ocorre nos dados de K., em (2b) ilustrados. Quanto ao radical de *mala*, este não exige nenhuma outra informação na entrada vocabular, senão 'f', pois se encontra na classe não-marcada para os femininos. É na linha 2 da derivação que a regra de redundância morfológica (5) atribui o traço de classe formal [II] ao radical feminino *mal-*. Na linha 3, a operação de *inserção vocabular* atribui conteúdo fonológico ao morfema de classe formal dos membros da Classe II, resultando as formas gramaticalmente esperadas: *problem+a* e *mal+a*. Enfim, todos os radicais que carregam o traço de classe formal [II], seja idiossincraticamente no caso dos radicais masculinos, seja por regra de redundância morfológica no caso dos radicais femininos, apresentam a vogal /a/, enquanto manifestação fonológica do sufixo temático da Classe II.

Após a análise das derivações em (9), passa-se a uma possível resposta para a segunda questão levantada, relativamente aos dados de K., apresentados em (2a-b), qual seja:

A manifestação fonológica sistemática de /o/ ou /a/ para o morfema de classe formal, que se encontra à borda direita do vocábulo, seria um indício de que esses radicais estariam sendo interpretados por K. como não-portadores de traços diacríticos de classe formal, decorrendo daí a emergência de vocábulos em que há uma correlação direta entre gênero e classe formal no *corpus* analisado – a mesma conclusão a que se chegou para a primeira questão levantada.

Tais resultados corroborariam, pois, a noção de que as Classes I e II são as menos marcadas da língua, em virtude de serem aquelas para as quais são direcionados vocábulos interpretados como portadores de um número menor de informações idiossincráticas, em se comparando aos membros de outras classes formais. Contudo, com respeito aos vocábulos presentes no *corpus* de K., essa conclusão não coincide com o conhecimento linguístico dos falantes nativos do PB, uma vez que, para eles, os



vocábulo em questão são marcados idiossincraticamente em suas entradas vocabulares. Ainda assim, os resultados apresentados neste trabalho permitem ratificar a idéia de Alcântara (2010), com respeito à marcação maior da Classe III relativamente às Classes I e II, dado não haver sido encontrado, no *corpus* coletado, vocábulos terminados em /e/, somente em /o/ ou /a/ átonos finais.

Sumariando, nos dados analisados, os radicais não contêm, em suas entradas vocabulares, informações de traços diacríticos abstratos de cunho idiossincrático, sendo, antes, considerados como formas menos marcadas que tendem a fazer parte das classes mais produtivas do português, ou seja, as Classes I e II. Eis, aliás, a tendência que se delineia no processo de aquisição da linguagem, e que é atestada neste trabalho: partir do que é menos marcado, e, portanto, mais frequente para, só então, chegar ao que é mais marcado. É o que os dados em (2a-b) parecem evidenciar, trazendo, assim, suporte empírico para o modelo de organização da gramática assumido pela *DM*, com respeito particularmente ao módulo da Morfologia, alvo do estudo ora apresentado.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, C. C. As Classes Formais do Português Brasileiro. *Letras de Hoje*, v. 45, p.5-15, 2010.

_____. A construção das classes formais do português por crianças brasileiras: uma proposta à luz da teoria da morfologia distribuída. In: R. Lamprecht. (Org.) *Cadernos de pesquisas em linguística - pesquisas em aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Evangraf. 2005, p.197- 201.

CALABRESE, A. On fission and impoverishment in the verbal morphology of the dialect of Livinallongo. In: C. Tortora. (Ed.) *A Festgchrift in Honor of Paola Benincà*. Oxford, University Press, 1998.

CÂMARA Jr., J. M. 1966. Considerações sobre o gênero em português. *Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*, 1(2), p.1-9.

HALLE, M. 1997. Distributed morphology: impoverishment and fission. In: *MITWPL 30: PF: Papers at the Interface*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 425-449.

_____; MARANTZ, A. 1994. Some key features of distributed morphology. *MITWPL 21: Papers on Phonology and Morphology*, p.275-288.

_____. Distributed morphology and pieces of inflection. 1993. In: K. Hale & S. J. Keyser. (Eds.) *The View from the Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press.

HARRIS, J.W. Nasal depalatalization *no*, morphological wellformedness *sí*; the structure of Spanish word classes. 1999. *MITWPL 33: Papers on Syntax and Morphology*: 47-82.

_____. The syntax and morphology of class marker suppression in Spanish. In: K. Zagana.



(Ed.) *Grammatical Theory and Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

LAMARCHE, J. Gender agreement and suppletion in French. In: K. Zagana. (Ed.) *Grammatical Theory and Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1996, p. 145-157.

SPENCER, A. *Morphological theory*. Oxford: Blackwell Publishers, 1991.

RESUMO

Para Spencer (1991), a informação de gênero em francês limita-se a estabelecer distinções entre grupos de palavras definidos de forma arbitrária. Os vocábulos nominais franceses não têm sufixos temáticos, divergindo, assim, do que ocorre em outras línguas românicas, a saber, o português. Isso posto, o presente trabalho propõe-se a discutir, sob a teoria da Morfologia Distribuída, possíveis fatores linguísticos responsáveis por /o/ ou /a/ átonos finais em vocábulos que emergiriam com /e/, nos dados de um falante nativo do francês adquirindo PB como L2 (cf. *problemo por 'problema'; *glota por 'glote'). Pretende-se que os resultados contribuam para (i) a elucidação de aspectos relativos à aquisição do PB como L2, e (ii) a reflexão sobre o processo de ensino aprendizagem de uma segunda língua.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Distribuída; aquisição; francês; português

RESUME

Selon Spencer (1991), l'information de genre en Français ne fait qu'établir des distinctions entre classements de mots définis de façon arbitraire. Les mots en Français ne portent pas de voyelles thématiques, ce qui les rendent différents d'autres langues romanes, comme le Portugais. Ceci dit, ce travail propose de discuter, dans le cadre de la théorie de la Morphologie Distribuée, des facteurs linguistiques responsables par la présence des voyelles finales non accentuées /o/ ou /a/ au lieu de la voyelle /e/ non accentuée, dans les données d'un locuteur natif de Français en acquérant Portugais Brésilien (PB) comme L2 (e.g., *problemo por 'problema'; *glota por 'glote'). On voudrait bien que les résultats présentés puissent contribuer à (i) l'élucidation des aspects liés à l'acquisition du PB comme L2 et (ii) la réflexion sur le processus d'enseignement-apprentissage d'une langue seconde.

Mots-clés: Morphologie Distribuée ; acquisition ; Français; Portugais